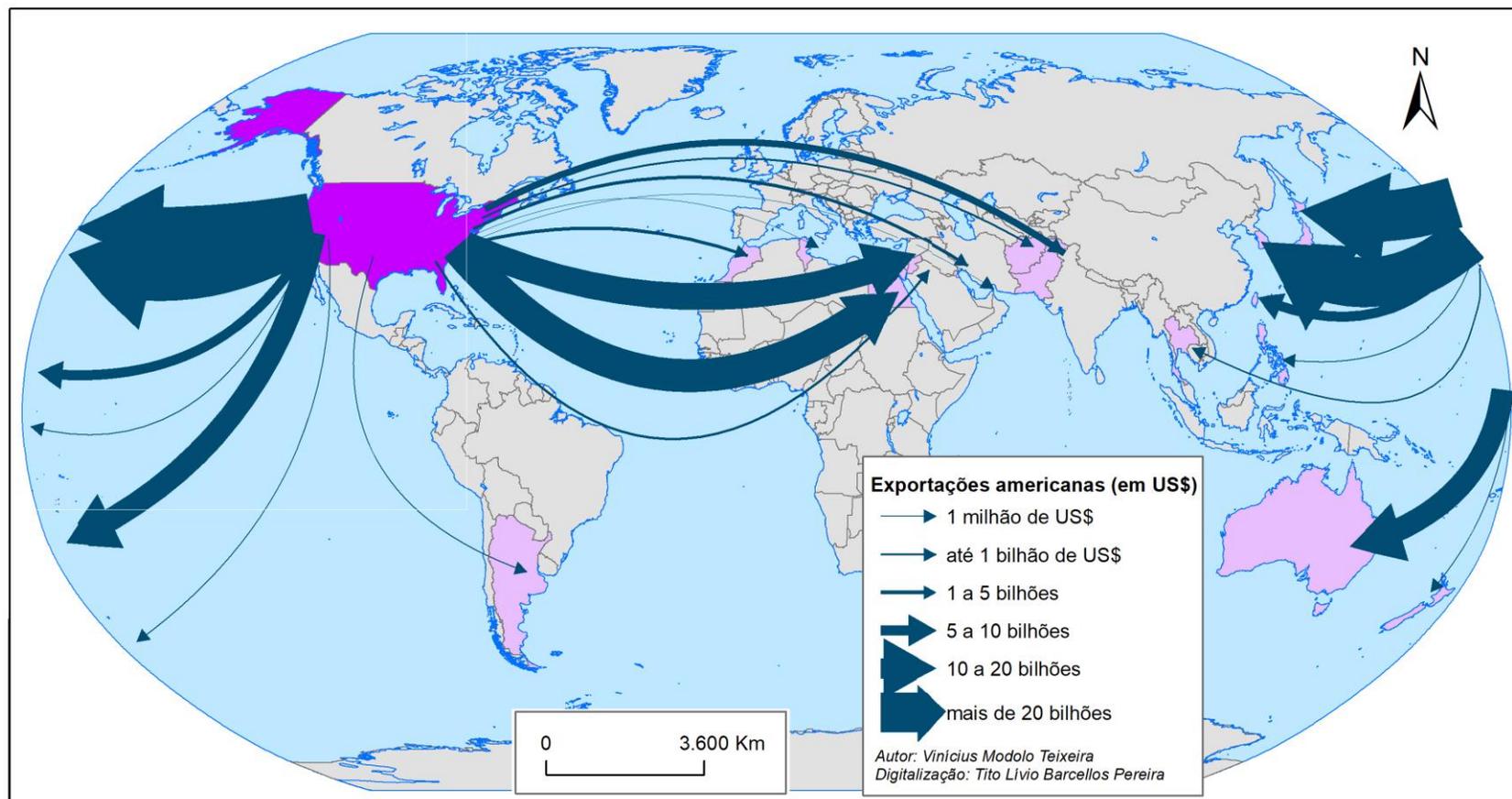




FLUXO DA VENDA DE ARMAS DOS EUA PARA OS ALIADOS EXTRA-OTAN A PARTIR DA DATA DE INGRESSO DO PAÍS ATÉ 2018*

Autor: Vinicius Modolo Teixeira

Orientadora: Profa. Dra. Claudete de Castro Silva Vitte



* Mapa disponível na tese: TEIXEIRA, Vinicius Modolo Teixeira. Geopolítica das Organizações de Cooperação em Defesa: limites e possibilidades na América do Sul. 2019. 1 recurso online (320 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. In: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/335154>

FLUXO DA VENDA DE ARMAS DOS EUA PARA OS ALIADOS EXTRA-OTAN A PARTIR DA DATA DE INGRESSO DO PAÍS ATÉ 2018¹

Autor: Vinicius Modolo Teixeira
falecomovinas@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Claudete De Castro Silva Vitte
claudete@unicamp.br

O mapa apresentado “Fluxo da venda de armas dos EUA para os aliados extra-otan a partir da data de ingresso do país até 2018” é parte integrante da Tese de doutorado intitulada: Geopolítica das Organizações de Cooperação em Defesa: limites e possibilidades na América do Sul, de autoria de Vinicius Modolo Teixeira, orientado por Claudete de Castro Silva Vitte, defendida na data de 09 de agosto de 2019 e publicada na data de 04 de setembro de 2019.

Para a construção desse mapa, foram utilizados dados disponibilizados pelo *Stockholm International Peace Research Institute - SIPRI* (2018) referentes à venda de armas entre os EUA e os países por ele denominados de “*Major Non-NATO Ally*”, ou “Aliados Extra-OTAN”, sendo considerados os dados referentes ao ano de ingresso do país como aliado dos EUA, até o ano de 2018, então disponível. Nesse caso, optou-se por utilizar o quantitativo financeiro para representar a venda de material militar dos EUA para os seus aliados, de modo a uniformizar o dado. Dessa forma, o mapa permite que se conheça os países mais beneficiados pelas relações preferenciais com os EUA.

Observando os fluxos de exportação de armas, fica evidente o volume de armas exportadas a países como Japão, Coreia do Sul, Israel, Egito e Austrália, os mais antigos membros da categoria especial de cooperação com os EUA. Além de estarem a quase três décadas nessa condição, esses países se apresentavam, também, como os mais importantes aos interesses estadunidenses. Outros países, no entanto, apesar de figurarem como aliados especiais há quase vinte anos, não obtiveram vantagens ou acesso as exportações de armas em quantidades tão significativas. Nesse sentido, o caso da Argentina, Tailândia e Nova Zelândia se torna evidente.

Por outro lado, a manutenção de aliados especiais em áreas de interesse como o Oriente Médio e Extremo Oriente, favorece a posição de *offshore balancing* dos EUA, apoiando países em áreas específicas contra potenciais inimigos. Mearsheimer (2008) aponta que essa seria a estratégia que os EUA deveriam perseguir, principalmente na região do Golfo Pérsico, evitando o envolvimento direto e o risco de ações terroristas que foram tão custosas para esse país. Para Mearsheimer, Washington deveria manter uma balança de poder regional, utilizando vários aliados locais e desenvolvendo suas capacidades militares (MEARSHEIMER, 2008). Esse seria o caso de parcerias estabelecidas com países como Barein, Kuwait, Jordânia e Afeganistão, que podem ser utilizados como “balanceadores” contra o Irã. Da mesma forma, Japão, Coreia do Sul, Filipinas e Taiwan são territorialmente próximos da China, país que tem ampliado suas pretensões territoriais e de poder na Ásia.

Ainda sobre isso, a posição do Paquistão merece destaque. O país, ao mesmo tempo que é um aliado preferencial dos EUA, foi alçado à posição de membro efetivo da Organização de Cooperação de Xangai recentemente. A dualidade de sua posição deverá se tornar crítica na medida em que as tensões entre os EUA e a China se amplifiquem. Por outro lado, os EUA têm ampliado suas relações de defesa com a Índia, demonstrando que podem contrabalançar as posições de China e Paquistão no sul da Ásia.

A posição dos Aliados Extra-OTAN, no mediterrâneo e ao longo da *Rimland* defendida por Spykman (2008), demonstra a continuidade da Eurásia como a região mais importante para a Geopolítica mundial. No presente momento, a existência da OTAN, da OTSC, da OCX e, por fim, dos Aliados Extra-OTAN nesse território, apontam para essa conclusão, demonstrando também que a cooperação em defesa é um instrumento importante do jogo de poder global, que aparentemente caminha para a multipolaridade.

REFERÊNCIAS

MEARSHEIMER, John J. A Return to Offshore Balancing. Newsweek [30/12/2008]. Disponível em: <<https://bit.ly/2UOjcl5>>. Acesso em: 13/11/2018.

SIPRI - Stockholm International Peace Research Institute. "Arms Transfers Database". SIPRI Website Disponível em: <<https://www.sipri.org/databases/armstransfers>>. Acesso em: 12/03/2018.

SPYKMAN, Nicholas J. America's Strategy in World Politics. New Brunswick: Transaction Publishers, 2008.

TEIXEIRA, V. M.. A difusão das organizações de cooperação em defesa no mundo. In: Aldomar Arnaldo Rückert, Augusto César Pinheiro da Silva, Gutemberg de Vilhena Silva. (Org.). A INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANA E A INSERÇÃO DAS REGIÕES PERIFÉRICAS II Congresso de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território. 1ed.Porto Alegre: Letra1, 2018, v. , p. 114-130.

TEIXEIRA, V. M.. Geopolítica das Organizações de Cooperação em Defesa. 1. ed. Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020. v. 1. 394p.